



Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1996

JORNAL DO CENSO

Informativo do IBGE sobre os Censos 96

Censo na História

Uma alma quixotesca no Censo

O IBGE também tem o seu Dom Quixote. Conheça a história de Manoel Antônio Soares da Cunha, 68 anos, que esteve à frente do Censo Agropecuário durante 40 anos, e que recebeu uma homenagem em reconhecimento ao seu trabalho na instituição e defesa dos direitos dos funcionários públicos.

Pág. 6

Comissões censitárias integram comunidade aos Censos

A população também participa dos Censos e não só como informante, mas também auxiliando no acompanhamento das pesquisas durante a sua realização. Essa parceria só traz vantagens, tanto para o IBGE, quanto para a sociedade.

Pág. 7

Verba trancada a sete chaves

Elson Mattos, 70 anos, o responsável por administrar o dinheiro dos Censos, fala do apertado orçamento das operações deste ano, desmente a fama de "pão-duro" e explica como funciona o Incentivo-Setor.

Págs. 4 e 5

Linha Direta

Neste número, a equipe técnica do IBGE explica porque houve atraso no pagamento dos recenseadores e orienta a população a não responder os questionários pelo telefone.

Pág. 2

Notas

- ✓ Pesquisa para avaliação da coleta iniciará em novembro e pretende avaliar como foi a cobertura do Censo Populacional.
- ✓ Dez motivos para não atender o recenseador. Conheça o folheto que um agente de coleta municipal criou para divulgar a pesquisa na área urbana de Campinas, São Paulo.
- ✓ Qual será o primeiro estado a encerrar a coleta? Veja como está a classificação em o **Ranking dos Censos**.

Pág. 3

Histórias do Censo

Competência a toda prova

João Tomazelle, 28 anos, recenseador de Cuiabá, em Mato Grosso, é daquelas pessoas que não medem esforços para atingir seus objetivos. Trabalhou nos Censos por cerca de dois meses e completou a coleta em sete setores, num total de dois mil e quinhentos questionários preenchidos, um verdadeiro recorde de competência. Agora, ele parte para um novo desafio e conta qual o segredo para ser um bom pesquisador.

Pág. 8





Linha Direta

"Em primeiro lugar gostaria de dizer que adorei a idéia de vocês publicarem um jornal no período censitário, pois isso faz com que nosso trabalho torne-se ainda melhor e que todos nós, que, de uma forma ou de outra, nos encontramos ligados ao IBGE, possamos estar mais integrados. Eu trabalho em um jornal de Tramandaí, capital das praias, e divido meu tempo entre o Censo e a redação. Fica muito apertado para mim, em se tratando de tempo, mas vale a pena esta experiência.

Achei o jornal de vocês sensacional, bem descontraído, com matérias de profundidade e pitadas de curiosidade. Sempre que possível, eu publico algo sobre o Censo, pois acho que dessa forma ajudo a divulgar. Não se admirem se eu me basear em vocês!"

*Vanessa Oliveira, recenseadora,
Rio Grande do Sul*

Vanessa, a equipe do jornal fica realmente satisfeita que você pense assim e agradece os elogios. Gostaríamos de dizer que as matérias dessa publicação podem ser reproduzidas sob qualquer forma, desde que citada a fonte. A função deste jornal é justamente essa, divulgar os assuntos referentes aos Censos. Por isso, boa sorte no seu trabalho e bom proveito deste veículo!

"Assistindo a um programa na televisão surgiu-me uma dúvida que conto com vocês para esclarecer: quando saberemos os resultados do Censo?"

Recenseado, Mato Grosso do Sul

O prazo estipulado para entrega dos resultados finais, isto é, de todo o Brasil para o Censo Populacional é no início próximo ano. Já no caso do Censo Agropecuário, o prazo estende-se para agosto do ano que vem. Mas, ainda em dezembro deste ano, teremos os resultados preliminares em nível municipal para as duas operações.

"Moro sozinha e trabalho o dia inteiro. Ainda não fui recenseada e gostaria de saber se posso responder a pesquisa pelo telefone."

Recenseada, São Paulo

Orientamos nossos recenseadores a não fazerem entrevistas pelo telefone. A pesquisa deve ser sempre respondida pessoalmente. Quanto ao fato de você trabalhar o dia inteiro, não se preocupe. O recenseador, se não encontrá-la, retornará em horários ou dias diferentes até conseguir entrevistá-la.

"O Censo foi iniciado nos primeiros dias de agosto e conheço recenseadores aqui de minha cidade que cumpriram suas tarefas e ainda não foram remunerados pelo seu trabalho.

Isso, em meu conceito, pode afetar ambos os lados, pois por parte deles pode haver um desânimo em relação ao trabalho, e com relação ao Censo em si, acho que nem preciso falar...

Gostaria de obter uma resposta clara, pois não estou querendo através desta julgar ou condenar ninguém."

Recenseada, Pará

O Censo é uma operação de grande porte, que exige a contratação de pessoal temporário. Neste Censo estamos trabalhando com cerca de 110 mil pessoas para coletar informações de 4 974 municípios. É evidente que, em decorrência desse fato, surgem algumas dificuldades e problemas na operacionalização dessa atividade.

Os atrasos no pagamento do pessoal temporário, que ocorreram no início das operações censitárias, foram conseqüências de problemas na implantação do sistema gerador da folha de pagamento e na lentidão na liberação do material pelos supervisores. Informamos que a situação já foi contornada e os pagamentos atualizados.

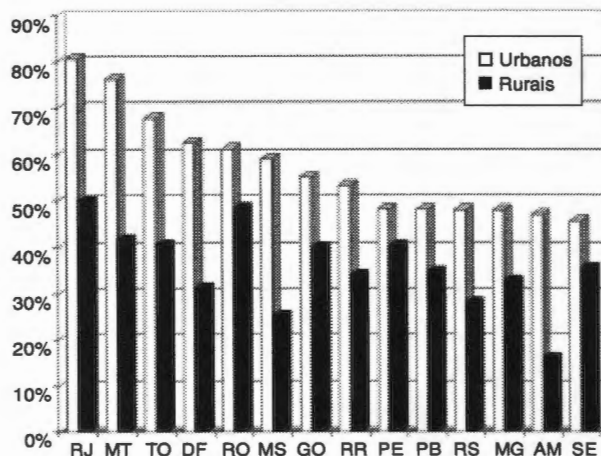
Muito Obrigado!

Prezados leitores, a redação recebe tantas cartas que, muitas vezes, não dá para publicar nem a metade! Apesar disso, o **Jornal do Censo** procura não esquecer de ninguém e aí vão os nossos agradecimentos para aqueles que contribuem com essa publicação enviando suas histórias e sugestões: Welliton Resende - MA, Devair de Souza - PR, Agência de Açú - RN, Sodemir Zanella - SC, Humberto Nagel - MS, William Lapini - GO, Agência de São Jerônimo - RS, Alexandre Costa - PA e Posto de Vitória do Mearim - MA, José Luiz Cardoso - SP, Emílio Silva - MG, Jussara Colen Rieveres - Dipeq / ES, Delvaldo Benedito de Souza - Dipeq / MT e Isabel de Paula Costa - SDDI / MS.

Ranking dos Censos



Neste número o gráfico mostra a posição da coleta em 18/10. Pela segunda semana consecutiva, o Rio de Janeiro está na frente da pesquisa com o maior número de setores urbanos e rurais concluídos. Vale dizer que os resultados são apresentados em ordem crescente de percentuais de setores concluídos da zona urbana.



Sem Desculpas

A criatividade do pessoal da coleta não tem fim e vale tudo para esclarecer à população e fazê-la receber o recenseador dando as informações corretas.

Veja a iniciativa do ACM Ricardo Gomes de Souza, da cidade de Campinas, São Paulo, que elaborou um folheto com o texto abaixo para ser distribuído nos condomínios e edifícios da sua região.

Dez Motivos para não atender o Recenseador

- *Não tenho tempo...*
A entrevista não dura mais que cinco minutos. Só lhe será perguntado sobre o número de moradores, a constituição da família, data de nascimento e o grau de instrução de cada um, além do estado de origem (apenas para os que migraram após o Censo de 91).
- *Trabalho o dia todo...*
O recenseador é orientado para procurá-lo em horários diferentes. Se não encontrá-lo durante o dia, voltará à noite ou nos finais de semana.
- *Já fui entrevistado...*
O IBGE divide a cidade em setores com uma média de 350 domicílios. Cada setor é entregue a apenas um recenseador. Quem foi ao seu domicílio provavelmente não era recenseador. Tem havido muitas pesquisas eleitorais ultimamente. Se lhe foi perguntado sobre intenção de voto, não foi o IBGE quem o procurou...
- *Meu apartamento está desarrumado...*
O recenseador não precisa entrar em seu apartamento e nem tem essa intenção. Como a entrevista é bastante rápida, pode ser feita na porta ou mesmo na portaria do seu prédio.
- *Não quero dar informação...*
O IBGE é um órgão federal pertencente ao Ministério do Planejamento. Por isso, existe lei federal que define a obrigatoriedade das

informações. A pessoa que se negar a responder à entrevista estará sujeita à multa, sem com isso ser dispensada de cedê-la.

• *Não quero que ninguém saiba da minha vida...*

A mesma lei citada acima define o sigilo das informações prestadas. O IBGE não pode fornecer a ninguém sob nenhuma hipótese os dados a ele fornecidos. A divulgação da pesquisa é feita através de dados estatísticos, ou seja, as informações são agrupadas em categorias sem que se possa saber em qual delas uma pessoa ou família foi incluída. Assim, por exemplo, é divulgado apenas o número de pessoas que concluiu o primeiro grau, o segundo e etc.

• *Tenho medo da violência...*

Nossos recenseadores possuem uma identificação e são obrigados a apresentá-la. Não atenda ninguém que não se identifique. Na dúvida a respeito da pessoa que bateu à sua porta, não hesite, chame a polícia.

• *Antes de dar informações, gostaria de esclarecer algumas dúvidas...*

Se você não se sentir seguro de perguntar ao próprio recenseador ou mesmo se ele não souber dar alguma informação. Ligue para o IBGE (Fone: 0800-218181). Estamos à sua disposição para qualquer esclarecimento durante o horário comercial.

• *O recenseador não me entrevistou...*

A Contagem ainda não terminou. De qualquer maneira, se você achar que ele "puiou" o seu apartamento, comunique-se conosco. Temos condições de descobrir se isso aconteceu.

• *O Governo não faz nada por mim...*

Talvez seja porque ele não sabe da sua existência.

Contagem da População 1996
Ajude a descobrir o Brasil

IBGE quer saber quantos deixou de contar

A partir do próximo dia 18 de novembro, está previsto o início da Pesquisa de Avaliação da Coleta. Trata-se de uma pesquisa por amostragem que tem como objetivo verificar como foi a cobertura da coleta na Contagem Populacional, para se estimar quantos domicílios e pessoas deixaram de ser contados.

Segundo o Gerente da Contagem Populacional, Marco Antônio Alexandre, é natural que numa operação censitária desse porte haja subenumeração. No entanto, historicamente o IBGE sempre se mantém dentro dos padrões estabelecidos internacionalmente.

A pesquisa terá duração de um mês e contará com cerca de 1260 recenseadores em todo o País, trabalhando uma média de 50 setores por unidade da federação.

Tudo em cima

Apesar do atraso no início da coleta do Censo Agropecuário, a divulgação dos resultados finais desta operação não sofrerá alterações e o prazo continua sendo agosto do ano que vem. Isso é o que garante o Gerente do Censo Agropecuário, Antônio Florido, que afirma já na próxima semana estar iniciando a apuração dos questionários nos estados de São Paulo e Goiás.

O guardião do cofre

Quanto vou gastar este mês? Para grande maioria dos brasileiros, mesmo em tempos de estabilidade econômica, essa não é das perguntas mais fáceis. Mais complicado ainda fica imaginar estimar a despesa de um país inteiro, durante uma operação especial que durará alguns meses e, pior, um ano antes dela ocorrer.

Para se realizar um Censo é preciso saber isso e muito mais, já que esse é só o primeiro passo. Para dizer quanto é preciso, quando e como gastar a verba dos Censos, o IBGE conta com Elson Mattos, 70 anos, funcionário da Instituição durante mais de 40 anos, quando desempenhou as mais diversas atividades, de auxiliar administrativo a Superintendente de Recursos Humanos, função que exerceu por 11 anos. Atualmente, presta os seus serviços a diversas áreas do IBGE. Desde 1987, ele foi escolhido pela Coordenação Operacional dos Censos para fazer a proposta de orçamento das operações, alocar os recursos nas 27 Unidades da Federação do Brasil e, mais recentemente, elaborar a resolução do Incentivo-Setor.

JC - É verdadeira a sua fama de "pão-duro" e de controlar muito bem a verba do Censo?

EM - A verdade é que se você deixar as unidades da federação determinarem o quanto precisam, o dinheiro acaba. Por isso, é certo que a alocação de recursos é feita com grande rigidez, mas com a preocupação de que isso de forma nenhuma venha a atrapalhar o andamento dos Censos. Uma vez sinalizada a necessidade de mais recursos, atendemos à solicitação. Evidente que, em alguns casos, questionamos os pedidos e exigimos justificativas. É preciso calcular quanto cada um vai gastar e sempre restar algum saldo para, no caso de acontecer alguma eventualidade, termos dinheiro em caixa para resolver.

JC - Isso quer dizer que o senhor sabe antes de começar o Censo quanto cada Unidade da Federação gastará sem erro?

EM - Responder quanto vamos gastar é a primeira etapa desta operação. Esta tarefa difere em muito da realizada para a manutenção das atividades permanentes da Instituição, onde o orçamento e os gastos

do ano anterior servem como base para a proposta orçamentária do ano seguinte. No Censo, não nos guiamos pelos anos anteriores e nem mesmo pelo último Censo realizado. Isso porque trata-se de uma operação com características não rotineiras que, a cada realização, conta com variáveis diferentes.

"A verdade é que se você deixar as unidades da federação determinarem o quanto precisam, o dinheiro acaba."

Elson Mattos

Por outro lado, entre a data exigida pelo Governo para o encaminhamento da proposta e a data em que os recursos são necessários, decorrem pelo menos 12 meses. Neste Censo, foram 14 meses e houve ajustamentos na programação da operação e inclusão dos quesitos sobre educação,

que refletiram diretamente nas estimativas e aumentaram as despesas em cerca de R\$ 20 milhões.

Apesar disso, a proposta orçamentária encaminhada pelo IBGE não sofreu qualquer alteração. Por isso, estimar o máximo que se vai gastar é fundamental para que, na hipótese de haver alguma alteração dos gastos, o orçamento a suporte. A importância e a magnitude da operação não permitem que se corra riscos por falta de recursos.

JC - Se o orçamento dos Censos não se baseia em nenhuma estimativa anterior então como é feito esse cálculo?

EM - O cálculo é feito segundo as características do censo que será realizado e de acordo com os itens indispensáveis à operação, como por exemplo: pessoal, combustível, material de expediente, etc, baseado nos preços de mercado.

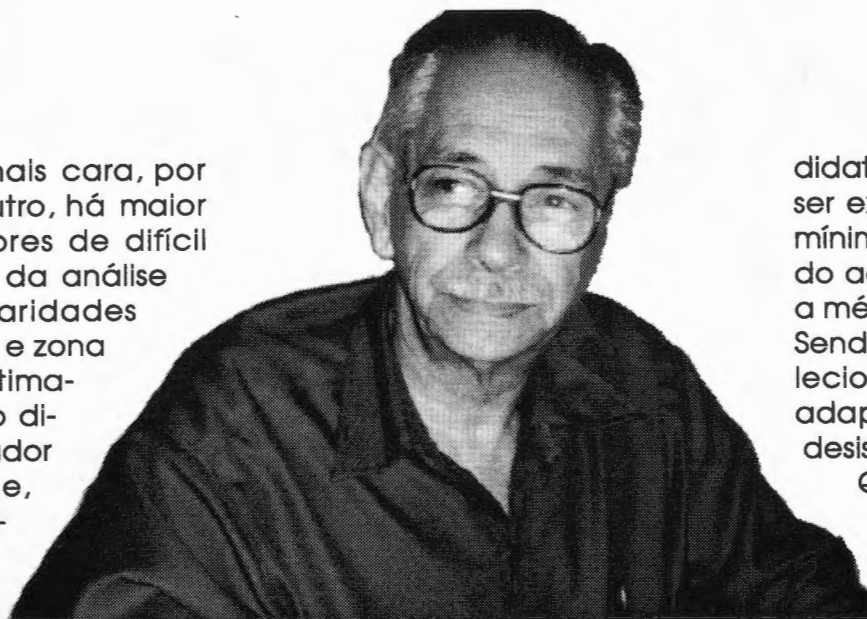
No caso do cálculo das taxas de coleta, esse respeita as individualidades das 27 unidades do País e as características das duas zonas, rural e urbana, que são completamente diferentes. Alguns estados têm

mão-de-obra mais cara, por exemplo. Em outro, há maior número de setores de difícil acesso. A partir da análise dessas particularidades de cada estado e zona de trabalho, estimamos a produção diária do recenseador naquela região e, a partir daí, a verba para o pagamento do recenseador naquela unidade da federação.

Depois disso, é preciso contrabalançar e fazer uma crítica das taxas entre as áreas com características parecidas para verificar se não existem grandes disparidades entre os valores calculados para essas regiões.

JC - A parte mais difícil parece ser calcular quanto vai ser gasto com as taxas de coleta. Quanto tempo demora para o IBGE saber quanto será gasto com a coleta dos Censos?

EM - Certamente é a parte mais complexa e demoramos cerca de três a quatro meses. O mais difícil de tudo foi calcular as taxas da zona rural. Isso porque nessa área os valores para pagamento da produção têm quantidades e estimativas diferentes. O mesmo recenseador preenche os dois questionários, sendo o do Censo Agropecuário bem mais amplo. Isso nos obrigou a fazer uma série de estudos e tentativas para solucionar a problemática que era encontrar um valor médio a ser pago pelas duas operações separadamente e, ao mesmo tempo, equilibrar a soma dos dois com o que estava sendo pago no setor urbano.



Elson Mattos

JC - O senhor falou anteriormente que era necessário ter sempre algum saldo em caixa para alguma eventualidade durante o Censo. De que tipo de eventualidade estamos falando?

EM - A inclusão de um novo quesito no questionário ou um atraso na coleta, por exemplo, fazem os custos aumentarem. Este mês, criamos também uma nova resolução, que aumentará os ganhos do recenseador. É o Incentivo-Setor, cuja estimativa de impacto sobre o custo da coleta é da ordem de R\$ 10 milhões.

JC - O que levou o IBGE a criar uma resolução como o Incentivo-Setor?

EM - Em todas as operações censitárias sempre há uma preocupação em concluir a coleta no tempo programado. Por várias razões, em nenhuma delas isso foi possível, e aí se procura alternativas que minimizem ao máximo o tempo da atividade.

A experiência mostra que o não cumprimento dos prazos não decorre de erro da programação e sim, das condições em que o recrutamento do pessoal da coleta é realizado. Quero dizer com isso que não fica claro na seleção dos can-

didatos como é a atividade a ser exercida ou qual o tempo mínimo que deve ser dedicado ao trabalho para se atingir a média de ganhos propostos. Sendo assim, acabamos por selecionar pessoas que não se adaptam à função e por fim desistem.

Quando isso acontece a produção destes recenseadores fica muito aquém do estimado e faz-se necessária a criação de um estímulo que acelere o ritmo da operação. Foi assim que, numa reunião com as diretorias do IBGE e a Coordenação Operacional dos Censos, chegamos à solução do Incentivo-Setor e fui o encarregado de redigir a resolução.

JC - E os resultados dessa medida estão dentro das expectativas?

EM - O Incentivo-Setor mantém a filosofia de premiar de forma justa, de acordo com a produção do recenseador e a partir do segundo setor concluído após a vigência da resolução, que foi em 8 de outubro. Sem dúvida, é uma forma de acelerar o andamento dos trabalhos e os resultados já refletiram no aumento representativo dos percentuais de setores concluídos nesta semana.

JC - O senhor considera suficiente a verba de R\$ 200 milhões destinada para o Censo neste ano?

EM - A verba está realmente apertada e todas as unidades do IBGE envolvidas na operação têm consciência deste aperto. O programado foi cerca de R\$ 270 milhões para esse ano. Mas, uma coisa é certa: o Censo está sendo feito e não vai faltar dinheiro.



O Dom Quixote do campo

Alto como Dom Quixote e gordo como Sancho Pança, como ele mesmo se definiu, Manoel Antônio Soares da Cunha, 68 anos, foi, nos 42 anos em que serviu ao IBGE, o homem símbolo da área agropecuária. Participou dos Censos de 1950 a 1985, ingressando na Instituição como recenseador e chegando anos depois a Superintendente do Departamento Agropecuário. Uma figura controversa, geradora de muitas polêmicas por suas posições firmes mas, sem dúvida, um forte defensor das causas dos servidores públicos e uma grande referência para aqueles que tiveram oportunidade de com ele trabalhar.

Manoel relata episódios interessantes como em 1960, quando era Chefe do Censo Agropecuário e foi feita uma comissão composta por membros do governo para avaliar a situação dos

censos no País e decidir se valeria a pena continuar a operação, uma vez que não havia verba. Ele conta que foi incumbido de verificar a situação no Nordeste e que em seis dias, num ritmo muito acelerado, conseguiu visitar nove estados. "Era entrar no avião, chegar a um estado, pegar as informações e sair voando para outro. Eu queria mesmo fazer o Censo", diverte-se. Segundo ele, valeu a pena, pois voltou trazendo a feliz notícia de que a operação já estava muito adiantada na região e que deveriam continuar o trabalho. Por fim, a verba foi liberada e os censos continuaram.

Manoel conta que, no Censo de 1970, chegou a chefiar 550 servidores e que procurava tratar a todos com rigidez e igualdade. "Quando você trabalha com um grande número de pessoas, não dá para ser muito bonzinho. A principal característica num gerente é dizer a verdade e engolir muito sapo", brinca.

Apesar da fama de durão, Manoel sempre pregou a valorização do funcionário público. Nos últimos seis anos em que ser-

viu ao IBGE para ocuparem os cargos mais elevados, à medida que estes fossem vagos, ao invés de ocupá-los com os tradicionais concursos. Defendeu, também, a admissão de servidores através dos recenseamentos e conta que cerca de 1500 pessoas entraram para a Instituição pelo Censo Agropecuário durante sua gestão.

Atualmente, Manoel está aposentado, mas continua em plena atividade. Ele presta consultorias à FAO, Órgão das Nações Unidas que responde pela questão da agricultura e alimentação no mundo, participa da revisão e ampliação do programa do Censo Agropecuário do ano 2000 e de seminários de estatísticas agropecuárias na América Latina e Caribe. Além disso, defende os direitos daqueles que não fazem mais parte dos quadros da instituição, como presidente da Comissão de Aposentados.

Com tantos méritos, ele mereceu permanecer para sempre na história do IBGE e, desde 1992, a Sala Memória Institucional do IBGE leva o nome de Manoel Antônio Soares da Cunha, em homenagem aos trabalhos que ele realizou e realiza. Mas esse batalhador de alma humilde não se rendeu a esses caprichos. "Tive nesta casa um conjunto de pessoas que foram um exemplo a ser seguido e aqui existem muitos que merecem essa homenagem muito mais do que eu. Jamais fui um homem de grandes ambições, as coisas aconteceram porque tinham que acontecer", conclui.

Danielle Macedo



Manoel Antônio e um cartaz do Censo Agropecuário de 1950

viu ao IBGE ele revelou que sempre que o governo adotava medidas contra os funcionários públicos, ele enviava uma correspondência a quem de direito, manifestando sua insatisfação. Foi dessa época que veio o apelido de "quixança" ou "sanxote", numa brincadeira com o fato de ter os ideais e a altura de Dom Quixote, aliados à barriga de Sancho Pança.

Mas não só de ideais vive o homem e Manoel colocou muitas das suas idéias em prática. Ele foi o responsável, por exemplo, pela introdução de um esquema de reposição de profissionais que recrutava os próprios funcionários

Instituídas pela primeira vez no Censo de 1940, quando eram opcionais, as comissões censitárias vieram agora para ficar. Espalhadas pela maioria dos municípios do País, elas foram criadas pelo IBGE com o objetivo de integrar e envolver gradativamente a sociedade no trabalho realizado pelo Instituto. E é assim que, durante o desenrolar dos Censos nos municípios, a sociedade local acompanha através de seus representantes, autoridades e técnicos o desenvolvimento desta operação. Além de acompanhar o trabalho, é uma oportunidade também para a comunidade prestar colaboração a tempo e a hora nas eventuais dificuldades que forem encontradas para fazer a pesquisa. Desta forma, quando os resultados forem divulgados, não haverá surpresas.

“É uma maneira de trazer para o IBGE, para se integrar ao Censo, as partes mais interessadas no assunto, de igrejas a institutos de pesquisa”, explica Sinval Dias. Ele é chefe da Divisão de Pesquisa do IBGE (Dipeq) no Paraná e responsável pelo encaminhamento das comissões censitárias naquele estado. Sinval conta que a sucessão de bons resultados com a realização das comissões censitárias levou o IBGE a adotar esse sistema como prática obrigatória. “Nós explicamos a metodologia do trabalho, damos uma previsão de quando realizaremos as visitas de domicílios, mostramos os questionários e, a partir de todos esses dados, passamos a informar o andamento dos trabalhos”, afirma.

Sinval expõe um dos motivos que torna a comissão censitária fundamental. Segundo ele, as estimativas da população

realizadas pela instituição podem ser superiores aos resultados do Censo. Nesse caso, um número bem aquém do estimado anteriormente. “Por isso, a presença da comissão censitária junto a nós é fundamental para que a sociedade entenda o porquê da queda nesses números”, explica.

No Rio de Janeiro, a coordenação das comissões censitárias fica a cargo de Romualdo Pereira Rezende, chefe interino da Divisão de Pesquisa do Rio.

IBGE convida comunidade a participar dos Censos

Na opinião de Romualdo, o principal objetivo deste trabalho é a sociedade poder acompanhar se os Censos estão sendo bem realizados em cada município. “Sem a constituição da comissão algumas prefeituras poderiam discordar dos resultados apresentados pelo Censo do IBGE. Com a comissão, eles têm total conhecimento de como todo o processo é realizado, o que lhes dá acesso a informações e agiliza a realização do Censo, principalmente no sentido operacional do trabalho”, diz.

Em Curitiba, Paraná, institutos de pesquisa, como o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes) e o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba (Ipucc), são alguns dos representantes presentes na comissão censitária.

E elogios é que não faltam para essa iniciativa do IBGE. Maria Luiza Buarque Dias, diretora do Ipardes, vê com bons olhos esse envolvimento na operação dos Censos. “Para nós, essa oportunidade é muito importante, porque nos possibilita acompanhar bem de perto os trabalhos que estão sendo desenvolvidos e, de alguma forma, até contribuir divulgando os dados e dando notícias sobre as dificuldades encontradas por funcionários do IBGE até no preenchimento de formulários”, diz ela.

Para Maria Luiza, acompanhar os Censos é uma forma de se adiantar e de começar até a discutir tendências de comportamento da população, o que é vital para um instituto de desenvolvimento econômico e social.

Já Lourival Peyerl, assessor técnico do Ipucc, vai um pouco mais além e acredita que, com a criação dessas comissões, o IBGE está conseguindo dar ainda mais credibilidade aos resultados da pesquisa.

Em Petrópolis, município no Estado do Rio de Janeiro, a última reunião censitária do mês de setembro contou com a presença do presidente da Câmara Municipal, Jorge Barrenco e com o técnico agrícola da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), entre outros. E eles provam que as comissões censitárias são uma via de mão dupla, que tanto servem para informar à sociedade dos resultados obtidos, quanto para que a própria sociedade organizada ajude no trabalho dos Censos. “Nós ajudamos dando uma estimativa dos produtores rurais da nossa região e eles nos informaram que cerca de 85% do Censo Populacional já foi realizado”, conta Nelson.



A vontade faz o Censo

Se todos os recenseadores tivessem a determinação de João Tomazelle, 28 anos, com certeza o Censo já teria terminado há muito tempo em todo o País. Enquanto alguns não terminaram seu primeiro setor, ele concluiu o sétimo e último setor sob sua responsabilidade esta semana. Acredita ter chegado perto de dois mil e quinhentos questionários preenchidos desde que começou o trabalho, no início de agosto. Sua rotina no IBGE começa às 7h30min da manhã e termina às 18 horas, sob o sol quente de Cuiabá.

O dedicado pesquisador não tem a noção exata de quantos quilômetros já caminhou ou por quantas horas peregrinou pelas ruas e becos dos bairros. Apesar de achar a remuneração baixa para tanto trabalho, ele acredita que isso não é desculpa para a falta de empenho. "Acho que uma vez que aceitei esta função, devo aproveitar ao máximo a oportunidade e tirar o maior proveito. Além do mais, com essa crise, todo dinheiro é bem-vindo e ajuda. Enquanto tiver questionários para preencher, eu vou trabalhar", assegura. Para Tomazelle, a criação do Incentivo-Setor é uma idéia excelente que vai dar ainda mais estímulo ao pessoal da coleta.

"Não é nada mau aumentar meus ganhos em 40%", brinca.

Assim como outros companheiros do Censo, este recenseador também teve problemas para fazer as entrevistas e já enfrentou muito mau-humor e descaso dos informantes. O pior, na opinião de Tomazelle, é a desinformação da população a res-



Folha da Tarde

João Tomazelle (dir.) e um recenseado

peito dos objetivos da pesquisa. Segundo ele, as pessoas mais difíceis de recensear são as que desconhecem a utilidade do Censo. "Mas eu sempre rezo e me preparo psicologicamente para essas e outras dificuldades", confidencia o pesquisador. Mesmo assim, ele vê vantagens neste trabalho, porque pode administrar seu tempo e ainda ter a chance de conhecer novas pessoas. Para aqueles que recuam diante das dificuldades, ele dá um

conselho: "Quando você acredita na sua capacidade, as pequenas coisas do cotidiano não podem te abater".

Mas a força de vontade deste recenseador não pára por aí e ele não tem apenas esta atividade temporária. Formado em Ciências Contábeis no Paraná, de onde migrou em 1991, ele é sócio também de uma sorveteria no bairro Construmat, em Várzea Grande, onde trabalha de segunda à sexta-feira, entre 18h30min e 22h30min. Aos sábados, fica o dia todo na sorveteria e aos domingos, pela manhã, visita aquelas casas onde não encontrou os moradores durante a semana. Na tarde de domingo, ele se dedica aos relatórios que entrega ao seu coordenador no IBGE.

Tamanha eficiência não poderia deixar de ser reconhecida e Tomazelle agora foi convocado pelo IBGE para fazer parte da equipe de pesquisadores da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - deste ano. E se existe fórmula do sucesso, este recenseador revela a sua sem falsa modéstia. "Acredito que muito do meu bom desempenho venha da facilidade de me comunicar com as pessoas. Além disso, enquanto tiver oportunidade de trabalho, estamos lá!", conclui.

Você não recebeu algum exemplar do **Jornal do Censo**? Não deixe de nos informar! Para isso, basta nos enviar cartas ou mensagens informando o(s) número(s) que você não recebeu. Ajude-nos a fazer esta publicação chegar a todos.

Jornal do Censo

Publicação quinzenal da
Fundação Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística, produzida pela
Coordenação de Operação do Censo /
Comunicação.

Rua General Canabarro, 666, sala 407,
Maracanã - Rio de Janeiro / RJ - 20271-201
Telefone: (021) 569-2043 r. 314 e 315
Fax: (021) 284-2543
Endereço na internet:
<http://www.censo.ibge.gov.br>
e-mail:
censo@cddi.ibge.gov.br

Coordenadora do Projeto e Editora:

Micheline Christophe

Repórter:

Danielle Macedo

Copydesk e Revisão:

José Luís Nicolai
Anna Maria dos Santos
Cristina Ramos Carlos de Carvalho
Iaracy Prazeres Gomes
Maria de Lourdes Amorim
Maria da Penha Veltôa da Rocha
Kátia Domingos Vieira
Onaldo Pedro Merisio

Projeto Gráfico e Diagramação:

Mauro Emílio Araújo

Editoração:

Heinz Prelwitz

Colaboradores:

Carlos Alberto Júlio
Marlene Duarte

Impressão e Circulação:

Gráfica do IBGE
Tiragem: 50.000 exemplares.
Permitida a reprodução das matérias e das
ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.